

Entre “cá” e “lá”:: estudo comparado – espaços públicos centrais em São Paulo e no Porto

João Teixeira Lopes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1425>

DOI: 10.4000/pontourbe.1425

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

João Teixeira Lopes, « Entre “cá” e “lá”:: estudo comparado – espaços públicos centrais em São Paulo e no Porto », *Ponto Urbe* [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2009, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1425> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1425

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Entre “cá” e “lá”:: estudo comparado – espaços públicos centrais em São Paulo e no Porto

João Teixeira Lopes

Partindo da cidade: as opções do sociólogo enquanto etnógrafo

- 1 O que faz um estrangeiro ao chegar a uma nova cidade, pressionado pela ansiedade de construir, organizar e controlar mentalmente um novo território? Compra um guia turístico e procura orientar-se. Assim o fiz quando cheguei à megalópole: São Paulo, a cidade em transe, mais rápida do que a sua própria sombra, abrir-se-ia, enfim, ao meu conhecimento. Mas eis que o texto me devolve ao arquétipo e ao estereótipo: "São Paulo é a única cidade que tem feijoada Kosher, preparada com supervisão de um rabino (...) anticucho, coração de boi picado com molho de amendoim (...) bar com correio elegante entregue por anões". Mas eu era mais e menos do que um estrangeiro: sociólogo-etnógrafo urbano, supostamente armadilhado dos recursos substantivos e adjetivos capazes de me habilitarem ao mergulho no terreno. Na verdade, de uma imersão se tratava. Preparada embora com delicadeza (ampla revisão do estado da arte e da bibliografia brasileira e internacional; consulta de fontes secundárias, nomeadamente documentos e históricos e várias conversas trocadas por mail com colegas brasileiros da Universidade de São Paulo), nada me garantia que, no final, viesse à tona.
- 2 Tudo me distanciava, com sinceridade, do que Teresa Caldeira apelida de estilo «euroamericano» (Caldeira, 2003: 19), enquanto busca homérica do exótico e da «alteridade distante». Pelo contrário, em tudo me interessava o estabelecimento de uma tensão entre «alteridade distante» e «alteridade próxima» (a par de outra: situação/contexto; e de outra, parcialmente sobreposta: micro/macro) aplicável a ambos os casos em estudo (espaços públicos centrais das cidades de São Paulo e do Porto). Do mesmo

modo, encontrava-me firmemente convicto de em nada abdicar da minha socialização anterior no campo científico, nomeadamente na tríade das dimensões epistemológica, teórica e metodológica. Adepto que sou do método abduutivo (Pinto, 1994) sabia que o conjunto do que aprendi me seria útil e que, particularmente enquanto sociólogo-etnógrafo, não me podia dar ao luxo do desperdício. Mas estava consciente, de igual modo, de que esse conhecimento anterior iria ser desestabilizado e reconstruído. Nesta outra tensão, entre dedução e indução, torna-se fundamental jamais blindarmos o background incorporado à novidade, ao insólito, ao desafio, à surpresa, ao choque - categorias, enfim, que cabem no conceito de serendiptidade proposto por Merton e que nos levam a encontrar, embora não tão frequentemente quanto desejaríamos, aquilo que não esperávamos. É ofício do sociólogo-etnógrafo, por conseguinte, transformar a novidade, o insólito, o desafio, a surpresa e o choque em novos problemas que a pesquisa tentará aclarar.

- 3 Nesta apresentação do estado de partida, cabe-me ainda referir que, sem renegar a possibilidade de efetivas comparações e de generalizações a partir da extensão dos casos (o programa de investigação abarca dois anos) e da sua densidade (from within), interpelava-me a consciência de que todas as transferências entre contextos diversos e do seu estudo para o corpus da teoria social implicam o acionar de teorias da tradução (Santos, 2003). Ora, nesse mister, não raras vezes o tradutor entra em simbiose com o traidor. Defenderei, assim, como procurarei demonstrar, uma possibilidade de transferência reflexivamente monitorizada.
- 4 Gostaria ainda de voltar, a partir de Teresa Caldeira, a uma sociologia-etnografia de deslocamentos, em que os movimentos, as partidas e os retornos reconstróem os objetos, os processos de pesquisa e os próprios habitus dos investigadores. Na verdade, não poderemos, como Marco Pólo perante o imperador em as Cidades Invisíveis de Calvino, "transformar em método o silêncio" (Caldeira, 2003) sobre as nossas próprias pertenças sociais (de classe, de gênero, de etnia.) mas também sobre as cidades e as sociedades que habitamos. Se Marco Pólo, nos seus longos relatos sobre as mais variadas urbes, acalentava no não-dito a imagem de Veneza, a Sereníssima, falarei do Porto ao analisar São Paulo e de São Paulo ao estudar o Porto.
- 5 Uma última palavra: a imersão de que há pouco falei levou-me a exercitar o método do andante (Lopes, 2008; De Certeau, 1990; Solnit, 2000), muito próximo do que Mónica de Carvalho apelida de «narrativa itinerante» (Carvalho, 2004), fortemente alicerçado na observação direta metódica e sistemática, na ativação teoricamente orientada e vigiada dos sentidos, nas conversas informais, em algumas entrevistas a informantes privilegiados, na fotografia social, para além do trabalho prévio, já mencionado, de consulta de fontes secundárias tanto qualitativas como quantitativas. A outro nível, as narrativas itinerantes abordarão os terrenos empíricos como configurações (no sentido que Elias lhes confere: redes de interação e interdependência, das mais simples - encontros, conversas - às mais complexas - sociedades urbanas) e terão onipresente a preocupação de compreender trajetórias de sujeitos no diapasão dos espaços-tempos e cenários de interação, isto é, as singularidades que os contextos estimulam, ao acionarem certas disposições em detrimento de outras (Lahire, 2001; Velho, 2008).

Espaços públicos urbanos centrais: do que falamos?

- 6 Não por acaso as cidades escolhidas, ao invés das outer ou edge cities (as exópoles de que Soja fala...), incluem-se na configuração das cidades com centro, independentemente do seu estado urbanístico e das conexões econômicas, sociais e culturais dos mais amplos processos de urbanização e da sua ligação aos Estados-nação e à economia-mundo, bem como a uma particular concepção do papel do Estado na produção do espaço em contexto de capitalismo tardio e pós-fordista.
- 7 De certo modo, ambos os centros emergem e modificam-se dentro dos parâmetros de um modelo historicamente consignado como «europeu», apesar das intensas diferenças que adiante realçarei. O centro das cidades condensa uma constelação de significados fortes (Frúgoli, 2006: 20) em função dos quais o poder se impõe, os espaços se produzem e apropriam, as economias funcionam, as culturas circulam. Esta simbiose material-simbólica influenciará, decisivamente, a vida das cidades. Depois do centro, tudo a ele se refere. Desde logo, a periferia. Existirá, pois, como hipótese, uma singularidade nos espaços públicos centrais. Na perspectiva aqui adotada afastamo-nos parcialmente da concepção habermasiana de espaço público, uma vez que o autor alemão (Habermas, 1980) define, antes de mais, a emergência de uma esfera pública burguesa e de uma «sociedade civil» abstrata e formal constituída primordialmente no e pelo discurso. Aproximamo-nos, assim, das críticas feministas quando referem que a racionalidade universal abstrata veiculada por Habermas carece de uma política da diferença, assente na extensão dos direitos liberais da modernidade a uma miríade de grupos sociais excluídos, maxime, invisíveis e inexistentes pela classificação e percepção hegemônicas. Simultaneamente, não existe um discurso ou um agir comunicacional sem um corpo socializado e respectiva performance espaço-temporal. Falta, na proposta de Habermas, sensibilidade para pensar a espacialização das práticas sociais quotidianas em cenários de interação concretos e vívidos (Lopes, 2008): uma teoria do corpo no espaço-tempo. É como se retomássemos a célebre frase de Foucault: o espaço é tido como o morto, o fixo, o não dialético, o imóvel... Ou Lefèbvre, que critica asperamente as representações que o enunciam como «um meio vazio», «um contentor sem conteúdo» (Lefèbvre, 2000: XVII). Ou, ainda, da banda da geografia, o reparo de Edward Soja à «silenciada espacialidade do historicismo» (Soja, 1999: 13).
- 8 Entendamo-nos, pois: o que pretendo, ao estudar espaços públicos urbanos centrais, em São Paulo e no Porto, é compreender, primeiramente, as consequências nos encontros quotidianos, nos seus códigos, expressões e rituais, das modernas e recentes configurações do capitalismo de acumulação flexível. Estudar o centro de cidades expostas à desindustrialização, terceirização e revitalização urbana através das iterações situadas é como colocarmo-nos no centro do furacão, ou seja, no âmago dos processos de acumulação flexível do capitalismo tardio. Distancio-me, através desta opção, de autores como Sophie Watson (Watson, 2006) que buscam o reencantamento emancipatório ou simplesmente cívico da modernidade tardia nos espaços públicos periféricos, descentrados, por vezes mesmo “invisíveis” nos recônditos meandros da cidade. De certa maneira, pretendo ir de encontro à forma como o poder se exerce na e pela centralização da produção do espaço. Para tal, a concreta materialidade do espaço será abordada como mediação da ação humana e sem qualquer deriva mecanicista ou fétichização. José Guilherme Magnani afirmava precisamente tal orientação ao estudar as práticas de lazer

nos «pedaços» das periferias paulistas, em obra já clássica: «existe, portanto, entre as instituições e valores sociais dominantes e o plano do concreto vivido, um complexo sistema de mediação que processa, em ambos os sentidos, as múltiplas formas de interação entre o «nós» do pedaço e o «eles» dos centros de poder da sociedade abrangente» (Magnani, 1998: 138). No entanto, não renunciarei, pela sua persistente pertinência, às velhas questões, sempre atuais, da potencialidade dos espaços públicos na formação de efêmeras comunidades de estranhos, no limbo da proximidade e da distância, lembrando Simmel; na passagem do cidadão ao cidadão, na multiplicação de possibilidades de conhecimento e confronto da diversidade (de classe, de gênero, de etnia, de estilos e modos de vida...), no jogo da indeterminação, da aleatoriedade e da surpresa.

- 9 Por fim, uma derradeira explicitação: proponho-me fazer mais uma etnografia de cidades do que nas cidades, retomando a sugestão de Ulf Hannerz (Hannerz, 1980). Os detalhes etnográficos e a sua multiplicação descritiva sob a observação atenta do investigador obrigam a uma interpretação holística, na procura dos contextos que lhes conferem cabal sentido.

As praças e os discursos dos arquitetos enquanto «autores»: da Praça do Patriarca e do “arquiteto contrariado” ...

- 10 Delimitando ainda mais, o estudo cingir-se-á, em São Paulo, à Praça Patriarca e às conexões que esta estabelece com um conjunto de ruas e praças adjacentes do «triângulo histórico», em particular a Praça da Sé e a contígua Praça Clóvis. No Porto, onde o estudo se encontra em fase exploratória, enfoque dirigir-se-á à Avenida dos Aliados e ao conjunto que esta forma com a Praça da Liberdade e a Praça General Humberto Delgado.
- 11 Em ambos os casos, verificaram-se significativas transformações urbanísticas, partindo da constatação generalizada da crise do centro histórico. A mais antiga (1970-78) ocorreu na Praça da Sé e Praça Clóvis, a partir de um conjunto de intensas obras levadas a cabo ainda pelo poder da ditadura militar. Por um lado, pretendia abrir-se uma estação intermodal, ligando o metropolitano ao autocarro (em boa medida para potenciar as rodovias que nesse período foram construídas, nomeadamente os gigantescos viadutos que esquartejaram a cidade, dando primazia ao transporte privado). Por outro lado, colocar impedimentos físicos quer à tradicional concentração de população de rua, quer às manifestações políticas que aí se vinham realizando, bebendo da carga simbólica do lugar.
- 12 Na gigantesca empreitada foram mesmo destruídos prédios de 28 andares, como o Mendes Caldeira e edifícios com valor histórico, no caso o Palacete Santa Helena. Inicialmente transformada em espaço vazio, a Praça Clóvis é investida, de acordo com os princípios modernistas, de elementos “relevantes”, nomeadamente um grande espelho de água e um conjunto de catorze esculturas de reputados artistas brasileiros.
- 13 No entanto, tal aconteceu “em detrimento de uma visão mais estrutural e orgânica” da praça, perdendo-se, igualmente, a oportunidade de “ter o uso relacionado aos edifícios refletido no uso da Praça” (Bruna e Righi, 2006:220). Desta forma, a “escala inadequada, dificuldade de manutenção, frieza e aridez” (idem: 223), juntamente com a fragmentação (desníveis, canteiros, esculturas, fontes, aberturas para a ventilação da estação do metropolitano) prejudicam a “apreensão do espaço como um todo” (idem: 226), votando-

o, potencialmente, à mera circulação viária, uma vez que a própria Praça da Sé ficou cingida ao adro da Igreja.

- 14 No entanto, como adiante veremos, não se cumprirá propriamente o desiderato inicial, o que só acentua o papel das mediações societais e culturais entre a materialidade do espaço físico e o acionar das práticas sociais. Como refere Teresa Caldeira “[a Praça da Sé] simboliza tanto a força como a deterioração do espaço público e é, conseqüentemente, um símbolo do caráter disjuntivo da democracia brasileira (Caldeira, 2003: 327).
- 15 Entretanto, mais recentemente, perante a continuidade da disjunção entre o discurso público (apologia da reabilitação e do “regresso ao centro”, unindo, ainda que com intensa conflitualidade, governo local, média e alta burguesia comercial e financeira, reunida na Associação “Viva o Centro” e movimentos sociais de base popular congregados na Associação “Centro Vivo”) e a realidade (persistência da degradação e da perda de qualidade urbanística) encomendou-se ao arquiteto Paulo Mendes da Rocha, Prêmio Pritzker de 2006, a requalificação da Praça do Patriarca¹, local que já se pode considerar na charneira entre a parte “velha” e a parte “nova” do “centro tradicional. Na verdade, a encomenda partiu da “Associação Viva o Centro”, com o apoio de diversas prefeituras, uma vez que a obra demorou dez anos – 1992/2002 – desde a concepção até a sua concretização parcial (o plano original era mais vasto).
- 16 Tal intervenção permitiu, segundo alguns informantes que contatei na área da arquitetura e urbanismo, aumentar a legibilidade da praça e de alguns dos seus elementos constituintes, limpando-a de ruído, uma vez que é despojada, com exceção de um elemento quase escultórico, uma espécie de cobertura extremamente leve e elegante, curvando-se de tal forma que fornece a sensação de tocar no pavimento. Tal cobertura, qual pórtico de passagem, ergue-se sobre a entrada/saída das escadarias Prestes Maia² que fazem a ligação entre a Praça e o vale do Anhangabaú³ e que, no seu interior, abrigam uma das secções do Museu de Arte de São Paulo. Simétricas à cobertura, duas árvores acentuam a sobriedade do conjunto. Outros informantes, ligados à preservação da memória da cidade, criticam, no entanto, a perda de vista para o imenso corredor que une o “velho” e o “novo” centro tradicionais, em particular quando se “desce” a Praça, que tem uma ligeira inclinação.



Fotografia 1 – A (re) invenção da Praça do Patriarca

Fonte: Arcoweb. Foto: Nelson Kon.

- 17 A ligação do arquiteto ao centro da cidade ganha, pelas suas próprias palavras, um cunho acentuadamente político:

“Essa sociedade amarga abandonou o centro da cidade e se enfiou no mato [referência implícita referência aos novos bairros e condomínios fechados que alastram fora da cidade de São Paulo]. As empresas se mudaram lá para baixo [em direção à zona Sul], mesmo as avenidas novas são extremamente caipiras, elas têm um ar de subúrbio rico e abandonaram o centro da cidade. Se você deixar degenerar, você reduz o valor imobiliário, compra tudo de novo, reconstrói a cidade...Há quem viva só disso”⁴.

18

Simultaneamente, a projeção do despojamento e da sobriedade assume também, ainda no discurso do arquiteto, uma dimensão ética e interventiva:

“A arquitetura não é feita para ser histriônica. Não interessa a uma cidade que requer tantos artefatos urgentes (casa para todos, escolas etc.) que se coloquem cerejas sobre seus desastres. É uma virtude mostrar a simplicidade”⁵.

- 19 É em função desse compromisso que o arquiteto-autor se move num campo limite de possíveis, em particular por referência a um patamar utópico, sendo que, a consciência de tais constrangimentos, aumenta, porventura, as suas margens de liberdade:

“Você pode perceber como sofre um arquiteto, quão longe dos nossos horizontes está a cidade atual. Isso amargura a nossa existência e faz ver que o fator essencial e objetivo da arquitetura e do urbanismo é político (...) o arquiteto, em essência, é um contrariado”⁶.

...à Avenida dos Aliados e ao arquiteto enquanto artista

- 20 A Avenida dos Aliados forma, juntamente com a Praça da Liberdade e a Praça do General Humberto Delgado, um tecido urbano contínuo que se constituiu numa das fases de maior

reestruturação da cidade (o projeto foi lançado em 1914 e a Avenida aberta em 1916) e de criação de um “novo centro”, numa zona relativamente alta da cidade (classificada, ainda assim, como “baixa”, pelos portuenses), por oposição ao “velho centro”, na Praça da Ribeira. A placa central era ajardinada, com uma série de canteiros, existindo, no topo Sul, uma estátua (Juventude) que os portuenses apropriaram como “a menina dos Aliados”



Fotografia 2: A anterior configuração da Praça da Avenida dos Aliados

- 21 Circundando a Praça encontram-se edifícios (quase todos construídos em granito) com valor arquitetônico individualizado⁷ servindo de sede a instituições bancárias e culturais, bem como a cafés e residenciais.
- 22 O projeto de Álvaro Siza Vieira (igualmente prêmio Pritzker, em 1992) e Souto Moura, partiu do pressuposto da inviabilidade de reconstrução da Praça tal como existia. Tal deve-se, em parte, às duas bocas da estação do metropolitano (motivo que esteve diretamente na origem da necessidade de requalificação da Praça), o que implica uma diminuição da Placa Central, incompatível, aliás, com a espessura dos anteriores canteiros e com a escala do antigo jardim.
- 23 Assim, desenhou-se uma placa contínua de paralelos ou cubos de granito em forma de cauda de pavão, substituindo a anterior calçada à portuguesa. Como remate da Praça, Siza Vieira desenhou uma fonte rodeada de bancos (abstração de uma célebre fonte parisiense), cadeiras (igualmente assumindo o mobiliário dos jardins urbanos parisienses, numa atitude que um informante classificou de mais retrô do que o próprio retrô) e seis alinhamentos de árvores.



Fotografia 3 – Atual aspecto da Praça da Avenida dos Aliados (dia de festa)

- 24 De igual modo, verificou-se um intenso trabalho de redesenho de mobiliário urbano adjacente: cobertas de paragens de autocarros; bancos; recipientes de lixo; cadeiras e até mesmo a reutilização dos antigos candeeiros, desta feita otimizados no que à qualidade e intensidade da luz se refere.



Fotografia 4: A «nova» Avenida

- 25 Importa, agora, conhecer as representações do próprio Siza Vieira sobre esta obra, em particular, mas também sobre a cidade, o urbanismo e o papel que o arquiteto e a arquitetura desempenham na contemporaneidade. Para o efeito, utilizaremos, uma vez

mais, fontes secundárias, nomeadamente entrevistas em órgãos de comunicação social. Desde logo, em entrevista a propósito das obras de recuperação do chiado⁸, em Lisboa, Siza destaca uma dimensão que colide, precisamente, com o cerne das críticas que lhe são feitas no que respeita a um pretenso autismo de “autor”:

“Há o conhecimento da atmosfera de uma cidade, problemas específicos, aspectos humanos, contactos pessoais. Acho que a atenção e capacidade de percepção e compreensão se agudizam, porque o estímulo é muito forte. Há a curiosidade natural de ver um meio novo, certo encantamento. Todas as cidades são bonitas, até as feias (...) O Porto é a cidade mais incômoda que eu conheço, mas eu gosto muitíssimo da cidade do Porto. Não há cidades feias, há cidades difíceis. (...) De maneira que isso constitui estímulo muito forte, agudiza a capacidade de percepção, desencadeia as ideias, no fundo. E a ideia é o importante na arquitetura. Depois, é importante transformar as ideias em coisas que venham a ser parte de um corpo vivo que é uma cidade.”

- 26 Como Baudelaire ou Walter Benjamin, Siza Vieira afirma praticar a deambulação como forma de conhecer a cidade:

“Tenho muito pouco tempo para passear, neste trabalho há muito de reuniões que coordenam uma série de donos de obra e projetistas. Não tem dado para passear como eu gosto, sem programa, que é uma das formas de a gente se aperceber da cidade, vaguear, perder-se”

- 27 Por outro lado, ao invés dessa liberdade de “vaguear pela cidade”, o arquiteto reconhece na obra um produto contraditório, tenso e resultado de vários conflitos que vão desde funções que urge conciliar, até a pressão dos empreiteiros e, principalmente, dos donos da obra que pugnam por uma rapidez que contraria a qualidade. Mas não deixa de reivindicar a liberdade de contrariar o gosto dominante ou de desagradar multidões, o que o aproxima de certo discurso que encontramos em certos segmentos do campo artístico, nomeadamente nos que valorizam um determinado capital de autonomia e de culto da “arte pela arte”:

“Alguma coisa nós precisamos, mas também não precisamos de uma multidão. Às vezes basta que gostem duas ou três pessoas, no limite bastará uma. Na verdade, o que se passa é mais complicado: uns gostam, outros não gostam mesmo. Também se não fosse assim, isso significaria certa morte prematura, no meu caso tenho 58 anos. Porque as pessoas, por vezes, contam que A ou B faça uma coisa tranquilizante, que já viram, que gostaram. E se não é assim, ficam em pânico”.

- 28 De igual modo, perpassa, ainda, certa ideologia de valorização do saber pericial e abstrato do arquiteto, face à subjetiva instabilidade dos “leigos”:

“Um edifício é uma coisa onde se vive, é uma coisa de dia e outra de noite. A impressão da imagem é uma coisa muito frágil, muito mais frágil em quem não tenha uma preparação especializada. É uma reação afetiva, subjetiva, e um edifício ultrapassa a afetividade e a subjetividade”.

- 29 Quanto ao estado atual do centro histórico do Porto, a posição de Álvaro Siza Vieira, expressa noutra entrevista⁹, não difere substancialmente da opinião emitida por Paulo Mendes da Rocha a respeito de São Paulo:

“O centro da cidade está em ruínas, as casas estão destelhadas. Fala-se muito na recuperação do centro histórico, mas não vejo forma, porque os conceitos adotados não são os mais adequados. Acho que a recuperação não está na direção certa. Estão a descaracterizar a cidade em vez de a recuperar; utiliza-se mesmo, em alguns casos, caixilhos de plástico em vez de madeira, veja lá!... Creio que o Porto de hoje está muito distante do Porto da altura em que foi classificado de Património Mundial da Humanidade”.

- 30 Em suma, num e noutro caso, as representações do espaço, conceito proposto por Lefèbvre para nomear as práticas periciais da sua produção (por arquitetos, engenheiros, tecnólogos...) coincidem numa certa desilusão dos arquitetos em análise face aos processos mais amplos de requalificação dos centros históricos. Um critica a “sociedade caipira”, outro interpela empreiteiros, donos da obra e o gosto dominante. Em ambas as situações, no entanto, os arquitetos envolvem-se ativamente em projetos emblemáticos o que, sem dúvida, adensa ainda mais a ambiguidade em torno dos espaços centrais destas cidades.

Usos, apropriações, produção secundária do espaço: o caleidoscópio do centro de São Paulo

- 31 O centro de São Paulo, em particular no diálogo que se estabelece entre a Praça do Patriarca, o Pátio do Colégio e a Praça Clóvis e a Praça da Sé, afigura-se de uma polifonia desconcertante. Desde logo, pela multiplicidade e mistura de funções: residências, das mais formais aos cortiços, instituições bancárias, comércio de rés do chão, comércio de shopping Center, comércio de rua, mendicidade, policiamento... Mas também pela pluralidade de usos. Existem homens e mulheres que fazem do seu corpo um anúncio publicitário (“homens-placa” que, conforme indicação de um informante, fazem parte da paisagem urbana desde há décadas)¹⁰; movimentos sociais que colocam as suas faixas no espaço público¹¹ assim como grupos religiosos¹²; policiamento ostensivo e intenso, meninos-prodígio¹³; pregadores¹⁴; catadores de lixo e de material reciclável muitas vezes puxando carroças carregadas de entulho já acomodado em sacos; magotes de homens esperando pelos recrutadores de mão-de-obra paga ao dia¹⁵; teatro de rua promovido pela prefeitura¹⁶, clowns de rua por conta própria, enfim, uma plêiade de tipos sociais, linguagens, interações e contextos.
- 32 Em várias ocasiões emergem situações de cooperação. É o caso dos camelôs, autênticos nômades da cidade, que vendem um pouco de tudo, notando-se, no entanto, uma predominância de CDs e DVDs piratas. Perante a percepção de que se aproxima uma rusga policial, acionam-se os códigos de rua¹⁷ e as mantas ou tendas são desmontadas num ápice, para regressarem pouco tempo depois, como o refluxo da maré... Foi-me possível observar, ainda, em certas circunstâncias, uma tática de aproximação entre camelôs e comerciantes tradicionais de rés do chão, uma vez que, em complementaridade, atraem mutuamente clientes.
- 33 Deparei-me, igualmente, com situações agonísticas. Nem sempre os comerciantes se entendem. Os clientes são, por definição, escassos e altamente disputados. O conflito é igualmente perceptível entre a população de rua e a polícia:
- Junto à Prefeitura, mesmo no encontro entre o viaduto do chá e a Praça do Patriarca, um piquete de camelôs montou uma tenda de protesto abrigando ativistas em greve da fome contra as investidas ditas “repressivas” da polícia municipal a mando da Prefeitura, com o objetivo de expulsá-los dos espaços públicos. Um dos ativistas, possivelmente há vários dias em greve de fome, apresenta um aspecto claramente combalido. Entretanto, um grupo de camelôs toca bombo, procurando chamar, sem sucesso aparente, a atenção dos passantes. Mesmo ao lado, uma delegação do Movimento dos sem Teto segura uma faixa com palavras de solidariedade¹⁸.

- 34 Outra situação colocou frente a frente um sem-abrigo alcoolizado e um grupo de polícias fortemente armado com metralhadoras. Apesar dos sorrisos iniciais, a situação quase atingiu um clímax de tensão:

Um mendigo velho e pobre, fortemente embriagado desafia um grupo de polícias armados de uma esquadra móvel da Praça da Sé. Usa palavras para mim ininteligíveis, mas que constituem simultaneamente insulto e desafio. Os gestos vão crescendo, o corpo bamboleando aproxima-se a menos de um metro dos polícias. A certa altura o ancião simula uma rajada de metralhadora. Pensamento mágico? Inversão simbólica da ordem instituída?¹⁹

- 35 Teresa Caldeira concede que “as ruas de São Paulo podem ainda estar cheias de gente, especialmente nos bairros centrais de comércio e serviços” (Caldeira, 2003:323), mas, ao mesmo tempo, considera que as apropriações observadas “não são exemplo de usos heterogêneos mas da segregação e exclusão” (idem: 334), uma vez que “no centro de hoje a população “chique” foi substituída pelos «marginais», nada garante distinção e o sentimento que resta é o de mal-estar com a proximidade” (idem:324). Desta forma, configura-se um espaço público não-moderno, uma espécie de somatório de “espaços restantes, os únicos que os grupos sociais mais marginalizados - aqueles excluídos das áreas protegidas e muradas – ainda podem apropriar” (idem: 334). A própria “Associação Viva o Centro”, constituída por elementos de uma fração da média e alta burguesia comercial e financeira, inverte o uso político da apologia da diversidade: se existe uma tão grande massa popular, a heterogeneidade só poderá ser restituída através de processos controlados de gentrificação que permitam o regresso ao centro de classes sociais mais capitalizadas...Como observou Víctor Eskinazi, técnico da Associação, em entrevista informal:

“No Brasil vive-se um dilema que é um impasse. Toda a gente rejeita a gentrificação, mas sem um pouco de gentrificação não se consegue recuperar o centro. Os Movimentos Sociais clamam por nenhuma gentrificação. As imobiliárias querem todo o lucro possível. Temos de apostar nas parcerias público-privadas em que o Estado dita as regras e o privado entra com o dinheiro”²⁰.

- 36 As observações etnográficas que levei a cabo não coincidem com este conceito de espaços restantes. Na verdade, apesar da clara predominância dos pobres e da população da rua, a acentuada diversidade da ocupação funcional do espaço potenciava usos plurais e contraditórios. Constatei inúmeras iterações, muitas delas a pretexto da compra e venda, envolvendo sujeitos de pertenças sociais distintas. Por outro lado, a organização da população de rua em movimentos sociais fortemente implantados no terreno, a presença de organizações não governamentais e de grupos de voluntários religiosos, a par de eventos organizados quer por empresas (playgrounds amovíveis, por exemplo), quer pelo Estado (animação cultural de rua), contribuem, igualmente, para a percepção de heterogeneidade, embates agonísticos e/ou cooperantes, pluralidade de usos e apropriações próprios de um refazer constante do espaço público. Presentes, de igual modo, as redes, os trânsitos e as passagens entre “fachadas” e “bastidores” (caso dos camelôs que surgem do nada e para o nada desaparecem), dando conta, por isso, de um “complexo sistema de mediações” (Magnani, 1998:138) entre instituições e população; entre legalidade, informalidade, clandestinidade e ilegalidade; entre, finalmente, “nós” e “eles”, âncoras de (des)estabilização de identidades espacialmente traduzidas. Importa, aliás, vencer uma persistente ilusão da homogeneidade presente em categorias como “pobres”, “classes populares” ou “população de rua”, na verdade em que obliteram a coexistência de origens, percursos, projetos e vivências consideravelmente distintos.

- 37 Eis, pois, traços de um centro de cidade onde a produção secundária do espaço (conceito proposto por Michel de Certeau) desafia, através das “táticas do fraco” as “estratégias do forte”, criando, dentro da intensa dominação, margens não negligenciáveis de negociação, jogo e autonomia. Traços, também, de uma urbe tátil e sensível, de odores contrastantes e difíceis de identificar, um “fantástico caleidoscópio constituído por fragmentos de tempos diversos, territórios e realidades distintas (...) identidade na diversidade, onde o todo não é apenas a mera soma das partes mas é, ao mesmo tempo, mais e menos do que a soma das partes” (Braz, 2004: 133). Aliás, desmentindo certa ilusão do fetichismo do espaço, nada como lembrar as atuais apropriações da Praça Clóvis. Apesar da fragmentação do espaço imposta por um desenho urbanístico a que não foram alheias as intenções do antigo regime militar de expulsar a população de rua e de impedir as grandes concentrações cívicas, os habitantes de hoje respondem quotidianamente através de contra-usos (Leite, 2004) ocupando as fontes, dormindo no desconfortável mobiliário urbano, contornando, assim, os inúmeros obstáculos a uma circulação livre.
- 38 Avenida dos Aliados e a narrativa de perda
- 39 O trabalho etnográfico na cidade do Porto encontra-se num estado ainda mais exploratório do que em São Paulo. No entanto, nas várias conversas informais tidas com comerciantes dos cafés e pensões circundantes sobressai sistematicamente uma fala de intensa perda, uma espécie de luto pelo desaparecimento da anterior Praça. A sobriedade atual do espaço parece contrastar com os canteiros ajardinados de outrora. A calçada portuguesa desapareceu e deu lugar aos cubos de granito, já classificados como “triste miséria de calhaus” num blogue sobre a cidade... Na verdade, a observação permite-nos constatar que as aglomerações de pessoas são escassas e os usos pouco plurais. Predomina, de fato, o atravessamento e a passagem, o que confere, como um urbanista nos confidenciou, uma especial responsabilidade aos programadores e gestores do espaço (a autarquia). Perante o despojamento e a «libertação» do espaço, criar-se-iam condições para múltiplas intervenções públicas.
- 40 Vários são os fatores que poderão contribuir para este uso fraco. Por um lado, o cariz recente da intervenção e a dificuldade acrescida de incorporação de disposições afetivas e interacionais mobilizadas pelo novo espaço. Por outro lado, o próprio rumor civil, altamente propagado (no discurso comum e nos media) sobre a destruição da memória e do passado. Como escreveu Hobsbawm a propósito do século XX (enunciado aplicável com inteira justiça aos primeiros anos deste novo século): “a destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam a nossa experiência pessoal à de gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX” (Hobsbawm, 2002). Finalmente, a potenciação de usos plurais e heterogêneos requer uma maturação do próprio projeto: as árvores cresceram pouco, o mobiliário urbano não está totalmente disponível, não se instalaram, ainda, cafés e esplanadas na Praça. Predomina, pois, a percepção de uma tabula rasa. O que, convenhamos, não tem inibido a discussão. Os arquitetos e outros especialistas são praticamente unânimes quanto ao elogio do desenho. A blogosfera e os media, no entanto, veiculam opiniões depreciativas. O próprio Álvaro Siza Vieira participa na polémica²¹, em particular depois de uma manifestação no local e de um abaixo-assinado que circulou pela Internet:
- 41 “O projeto da Avenida que fiz, em conjunto com Souto Moura, causou polémica porque coincidiu com as eleições, o combate político. O projeto foi apresentado e amplamente discutido na Câmara e não levantou contestação; só houve quando ficou concluído. Foi apanhado, como já disse, bem no meio das lutas políticas (...) a manifestação tinha 29

peçoas, segundo noticiaram os jornais. Depois, a contestação surgiu pelo desaparecimento dos canteiros. Ora, em devido tempo, apresentamos o projeto publicamente e explicamos a quem quis ouvir que não se justificava ter uns canteirinhos na principal "sala de visitas" da cidade. Quando surgia uma manifestação ou ajuntamento, como, por exemplo, quando o FCPorto ganha e agora já tem acontecido muitas vezes, os canteiros, as flores ficavam imediatamente destruídos. Apresentamos, como exemplo, o que acontece nas maiores praças europeias onde os canteiros foram banidos. Não podemos esquecer que as plantas vieram para a Avenida dos Aliados, nos anos 40, num tempo totalmente diferente do de hoje”.

Considerações finais

- 42 Em ambos os estudos de caso encontramos certas dimensões dos modernos processos urbanos: desindustrialização e terciarização; acréscimo dos fenômenos de conurbação e suburbanização no seio de áreas metropolitanas (que transformam São Paulo numa “cidade global” ou megalópole e o Porto numa “cidade-região, respeitando a diferença de escalas); perda populacional no centro histórico, em particular no que se refere a certos lugares de classe; narrativas de abandono e luto em simultâneo com grandes investimentos públicos e público-privados na chamada “revitalização” ou “regeneração” urbana; aumento das desigualdades sociais e espaciais (vetor sudoeste em São Paulo e dicotomia centro versus periferia; oposição zona Oeste/zona Leste no Porto), com uma vasta disseminação de estigmas associados aos espaços públicos centrais (popular e perigoso, em São Paulo; envelhecido e despovoado, no Porto). Nas duas cidades veicula-se, igualmente, uma carregada fala sobre a decadência e a necessidade de revitalização dos centros, num processo ambíguo e disjuntivo que faz sobressair a própria intervenção intermitente, mitigada e deficitária do Estado, com tradução no refluxo da “cidade-providência” (Domingues, 2003).
- 43 Em São Paulo os espaços públicos centrais são superpovoados durante o dia, mantendo-se, apesar da segregação e do medo da proximidade face ao diferente, uma gama heterogênea, plural e conflitual de contatos, interações, redes e apropriações. Nesse sentido, pode-se afirmar que está presente uma das qualidades do espaço público concreto e vivido (distante, por isso, das concepções abstrato-formais do poder e da esfera pública): a potenciação de usos múltiplos, subversivos e inusitados. No Porto, o tempo é ainda de espera face a uma atitude quase generalizada de não-apropriação ou de luto mais ou menos difuso. Em ambos os casos, todavia, existe uma oportunidade que importa concretizar: pela intermitência e contradição do papel do Estado na definição de políticas públicas e por um relativo desinteresse do sector privado, a gentrificação não tem vingado com o mesmo furor e grau de conquista e de expulsão das classes populares que se verificou noutras contextos. Nesse sentido, o cariz ambíguo dos espaços centrais estudados pode significar não o fim do espaço público (como as teses catastrofistas de Mike Davis proclamam), nem o fim do espaço público moderno (como defende Teresa Caldeira), mas, sim, o de um espaço público em devir.

BIBLIOGRAPHY

- BRAZ, Elisabeth, “Notas sobre uma viagem por São Paulo” in AA.VV, *Expedição São Paulo, 450 Anos. Uma Viagem por Dentro da Metrópole (2004)*. São Paulo: Museu da Cidade.
- BRUNA, Gilda Collet e RIGHI, Roberto, “A crise do centro histórico e a demolição do Santa Helena” in CAMPOS, Cândido Malta e JÚNIOR José Geraldo Simões (orgs) (2006), *Palacete Santa Helena – Um pioneiro da modernidade em São Paulo*. São Paulo: Editora Senac.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio (2003), *Cidade de Muros. Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo
- CAPELO, Augusto, “Arquétipos não tão desvairados da Pauliceia” in AA.VV, *Expedição São Paulo, 450 Anos. Uma Viagem por Dentro da Metrópole (2004)*. São Paulo: Museu da Cidade.
- CARVALHO, Mônica, “Narrativa Itinerante” in AA.VV, *Expedição São Paulo, 450 Anos. Uma Viagem por Dentro da Metrópole (2004)*. São Paulo: Museu da Cidade.
- CERTEAU, Michel de. (1990), *L’Invention du Quotidien I : Arts de Faire*. Paris: Gallimard.
- DOMINGUES, Álvaro, “A cidade-providência” in *Sociologia* (2003), nº 13.
- FREHSE, Fraya, *O Tempo das Ruas na São Paulo de Fins do Império (2005)*. São Paulo: Edusp.
- FRÚGOLI, Heitor (2006), *Centralidade em São Paulo. Trajetórias, Tensões e Conflitos na Metrópole*. São Paulo: Edusp.
- HABERMAS, Jurgen (1984), *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.
- HANNERZ, Ulf (1980), *Exploring the City: Inquiries Toward an Urban Anthropology*. New York: Columbia University Press.
- HOBBSAWM, Eric, *A Era dos Extremos* (2002). Lisboa: Presença.
- JOSEPH, Isaac “Voir, exposer, observer” in AA.VV, *L’Espace du Public – les compétences du citadin (1991)*, Paris : Plan Urbain.
- LAHIRE, Bernard (2001), *L’Homme Pluriel. Les Ressorts de l’Action*. Paris: Nathan.
- LEFÈBVRE, Henri (2000), *La Production de l’Espace*, Paris : Anthropos.
- LEITE, Rogério Proença (2004), *Contra-Usos da Cidade – Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*, Campinas: Editora Unicamp.
- LOPES, João Teixeira (2002), *Novas Questões de Sociologia Urbana*. Porto: Afrontamento.
- LOPES, João Teixeira, “Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público” in LEITE, Rogério Proença (2008), *Cultura e Vida Urbana. Ensaios sobre a Cidade*. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe.
- LOPES, João Teixeira, *Da Democratização à Democracia Cultural – uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público* (2007). Porto: Profedições.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor (1998), *Festa no Pedaco. Cultura Popular e Lazer na Cidade. São Paulo*: Editora Hucitec/Editora Unesp.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor, “Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da cidade” in AA.VV, *Expedição São Paulo, 450 Anos. Uma Viagem por Dentro da Metrópole (2004)*. São Paulo: Museu da Cidade.
- PINTO, José Madureira (1994), *Propostas para o Ensino das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências” in SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) (2003), *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente. Um «Discurso sobre as Ciências» Revisitado*. Porto: Afrontamento.
- SCARLATO, Francisco Capuano, “Um olhar sobre São Paulo” in AA.VV, *Expedição São Paulo, 450*

- Anos. Uma Viagem por Dentro da Metrópole (2004).** São Paulo: Museu da Cidade.
- SENNETT, Richard “La Conscience de l’oeil” in AA.VV, *L’Espace du Public – les compétences du citadin* (1991). Paris: Plan Urbain.
- SIMMEL, Georg, (2006), *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SOJA, Edward W. (1999), *Postmodern Geographies. The Reassertion of Space in Critical Social Theory*. London: Verso.
- SOLNIT, Rebecca (2000), *Wanderlust. A History of Walking*. London: Penguin,
- VARGAS, Heliana Comin e CASTILHO, Ana Luísa Howard de (orgs) (2006), *Intervenções em Centros Urbanos. Objectivos, estratégias e resultados*. São Paulo: Editora Manole.
- VELHO, Gilberto (2008), *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.
- WACQUANT, Loïc (1999), *Les Prisons de la Misère*. Paris: Raisons d’Agir.
- WATSON, Sophie (2006), *City Publics. The (dis)Enchantments of Urban Encounters*. London: Routledge.

WEBGRAFIA

[Saint Globain Glass Portugal - Entrevista ao Arquiteto Álvaro Siza Vieira](#)

[Diário de Notícias - Artes](#)

[Arquitectura Hoje](#)

[Instituto Politécnico de Setúbal](#)

[Matemática e Jogos Estratégicos Matemáticos](#)

[Viva o Centro](#)

[SampaArt](#)

[Arcoweb](#)

NOTES

1. A Praça homenageia um dos patriarcas da independência brasileira, José Bonifácio de Andrada e Silva. A sua estátua, aliás, figura na extremidade alta da Praça, do lado oposto à cobertura de Paulo Mendes da Rocha, tendo sido erigida graças aos esforços da comunidade libanesa de São Paulo.
2. Um dos grandes propulsores do alargamento da cidade para fora dos limites do centro, tido por alguns como o “Hausman paulistano” .
3. Nome tupi que significa “rio do Diabo”...
4. Vd. <http://www1.folha.uol.com.br/>
5. vd. Revista Pesquisa - FAPESP
6. Vd. Folha de São Paulo
7. Ostentando peças escultóricas, cúpulas, lanternins, coruchéus...
8. Vd. www.si.ips.pt
9. Vd. www.arkitectos.blogspot.com
10. Os anúncios fazem referência à compra de ouro; à compra e venda de telemóveis (“celulares”); à disponibilização de internet; à venda de atestados médicos “para admissão e desadmissão”...
11. Numa delas, da autoria do MNN (Movimento da Negação da Negação) pode ler-se: “Ocupa a escola falida, a Universidade falida, a fábrica falida”.

12. Em algumas dessas faixas pode ler-se: “Não sou dono do mundo, mas sou filho do dono”. Na Praça da Sé, várias faixas verticais exibem os Dez Mandamentos. No Convento do Carmo, onde um homem fala com Deus usando uma intensa expressividade corporal (gestos largos e abertos em prece, mãos erguidas), figura um cartaz com a inscrição: “Liga-te a Ele. Pode desligar o celular. Ele atende sempre”. É possível encontrar, ainda, espalhados pelas praças, dísticos que anunciam cerimónias religiosas em ginásios: “Dia da cura e libertação. Preço da entrada: 1kg de alimento não perecível”.

13. Na Avenida Barão de Itapetininga, um menino de rua, microfone em punho, por detrás de uma tela de papel de cenário onde está pendurada uma grande máquina calculadora, escreve o resultado de divisões complicadas, com várias casas decimais, explicando, ao mesmo tempo, como alcança os resultados: “25 a dividir por cinco. Qual é o dobro de 25? 50! Corta-se o zero, fica 5!”.

14. Na Praça do Patriarca um homem de fato e gravata grita a Bíblia. Aparentemente alheio a tudo e a todos, caminha de um lado para o outro seguindo os transeuntes e clamando: “Só Deus é a verdade/Só chegarás a Deus pela verdade/ A verdade é a palavra”. Na Praça da Sé outro pregador junta algumas dezenas de pessoas.

15. Os recrutadores são apelidados de “gatos”.

16. Na altura, Julho de 2008, desenrolava-se o IV festival “Overdose Teatral”, mobilizando grupos de teatro da cidade, como os sátiros e os parlapatões.

17. “Rapa” e “Gelo” figuram entre essas expressões codificadas que avisam da proximidade da polícia.

18. Nota de diário de campo, Julho de 2008.

19. Idem.

20. Numa observação que denota o seu posicionamento pessoal, o entrevistado acaba por confessar que no Brasil é o sector privado quem dita as regras, aconselhando-me a ler o livro de Otilia Arantes sobre “a cidade do pensamento único”...

21. Vd. www.arkitectos.blogspot.com [2008/06]

AUTHOR

JOÃO TEIXEIRA LOPES

Professor de Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Coordenador do Instituto de Sociologia. Membro da Rede de Estudos Urbanos Brasil-Portugal